



DISCURSO, FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL NA COPA DE 1998

DISCOURSE, SOCCER AND NATIONAL IDENTITY IN 1998'S WORLD CUP

Marcelo Fila Pecenin
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Neste trabalho, propomos uma análise discursiva, com base no aparato teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, representada notadamente por Michel Pêcheux e Michel Foucault, de um arquivo de crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo de 1998, na França. Nosso objetivo é mostrar a mídia, no caso a imprensa escrita, funcionando como um poder na regulação das identidades do futebol brasileiro e também da sociedade brasileira, uma vez que pelo futebol, entre outros elementos culturais, nossa sociedade se reconhece. Lançaremos mão dos conceitos de poder, subjetividade, arquivo e acontecimento – todos discutidos por Foucault – e também do conceito de trajeto temático, pensado por Guilhaumou & Maldidier, a partir do qual verificaremos, nas crônicas analisadas, como a expressão "futebol brasileiro" foi preenchida de modo a atribuir uma subjetividade, uma maneira de ser, ao jeito brasileiro de jogar futebol.

Palavras-chave: discurso; memória; identidade; subjetividade; trajeto temático; futebol.

Abstract: In this article, we intend to analyze discursively, based upon French-school Discourse Analysis theoretical-methodological apparatus, notoriously represented by Michel Pêcheux and Michel Foucault, an archive of soccer chronicles published in *Folha de S. Paulo* during 1998 World Cup, in France. Our goal is to show how media, in this case, the writing press, works as a power in the regulation of Brazilian soccer identity and Brazilian society identity as well, since it is through soccer, among other cultural elements, this society is recognized. We use the concepts of power, subjectivity, archive and happening – all of them discussed by Foucault – and also the concept of thematic stretch, developed by Guilhaumou & Maldidier, through which we will verify, in the analyzed chronicles, how the expression “futebol brasileiro” (“Brazilian soccer”) was fulfilled in order to build up a subjectivity to the Brazilian soccer style.

Keywords: discourse; memory; identity; subjectivity; thematic stretch; soccer.

Introdução

Sete de julho de 1998, em direção a uma das metas do estádio Velodrome (Marselha, França), a bola foi lançada a partir da marca do pênalti pelo zagueiro Frank de Boer. Se ele errasse, o Brasil estaria classificado para sua sexta final de Copa do Mundo.

Na trajetória da bola, muita apreensão e expectativa, até ela ser espalmada pelas mãos milagrosas de Cláudio Taffarel, que defendeu dois pênaltis numa semifinal emocionante contra a Holanda. O destaque não foi só para o goleiro, mas para toda a equipe brasileira que, durante 120 minutos de jogo e mais a série de cobranças de pênaltis, protagonizou a partida mais disputada daquela competição.

O Brasil chegou à final como franco-favorito ao título. Ainda mais porque o jogo era contra a França. Embora contassem com o apoio de sua torcida, “os azuis”, como eram conhecidos os jogadores da seleção francesa, não pareciam ter tradição e qualidade à altura da seleção brasileira, transformada em todo-poderosa após a vitória sobre a Holanda.

No entanto, não foi isso o que se viu. Superiores em toda a partida, os franceses despacharam o Brasil por 3 a 0. O Brasil ainda teve contra si a confusão envolvendo Ronaldo, então chamado de Ronaldinho, que nos dois anos anteriores – 1996 e 1997 – fora eleito o melhor jogador do mundo. Poucos minutos antes da partida, Edmundo, jogador reserva, figurava na lista dos que entrariam em campo para disputar a final, justamente em substituição a Ronaldinho. A informação divulgada pela imprensa era de que o atacante sofrera um ataque epilético horas antes da partida e estava sendo examinado numa clínica em Paris. Tudo indicava que ele não iria jogar. Mas quando as seleções finalistas subiam dos vestiários para o gramado, espantosamente lá estava Ronaldinho. A atuação brilhante e os gols que se esperavam dele, no entanto, não aconteceram, e o Brasil “adiou” para 2002 o pentacampeonato mundial.

Neste trabalho, propomos uma análise discursiva, com base no aparato teórico e metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, representada notadamente por Michel Pêcheux e Michel Foucault, de um arquivo de crônicas futebolísticas publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo 1998, sediada na França. Ao longo da campanha da seleção brasileira na competição, o discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* constrói a identidade nacional do futebol brasileiro de diversas formas, em momentos diferentes. Desse processo, analisado neste trabalho, vale ressaltar os movimentos de afirmação dessa identidade, que são marcados, entre outros processos discursivos, pela irrupção da expressão “não-sei-o-quê”, considerada pelos cronistas como o responsável pela performance pífia de uma equipe recheada de craques e pela negação do traço futebolístico que permeia a identidade nacional brasileira.

Queremos destacar ainda que este trabalho se baseia em alguns resultados da pesquisa de Mestrado “Discursos do e sobre o futebol: o poder midiático na regulação das identidades” (Pecenin, 2007a), apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), em que buscamos avaliar o papel da mídia, especificamente das crônicas impressas, na construção da identidade nacional durante as Copas do Mundo de 1994 e 1998.

Futebol e identidade nacional brasileira

De acordo com Bellos (2003), jornalista inglês que escreveu um livro tratando de futebol e identidade brasileira – *Futebol. O Brasil em campo* –, o futebol é o maior símbolo da identidade nacional brasileira. Para Toledo (1996), o futebol configura uma atividade e um

espaço adequados e importantes na formação de uma consciência, entre torcedores principalmente, de uma identidade comum, de um “nós” contra os outros. Somados às “habilidades” unificadoras do futebol, os fatores que contribuíram definitivamente para o estabelecimento da decantação desse esporte como parte da identidade nacional brasileira foram, segundo Caldas (1994), a oficialização da prática do profissionalismo a partir de 1933, as primeiras transmissões radiofônicas também nos anos 1930 – responsáveis pela divulgação e pela propagação do futebol até os dias de hoje – e o início de um processo de incorporação e de catalisação do futebol pelo Estado. As primeiras investidas governamentais para institucionalizar o futebol ocorreram nos anos 1940, na gestão de Getúlio Vargas, uma época de nacionalismo exacerbado, pela criação do Conselho Nacional de Desportos, pela organização e hierarquização das ligas, federações e confederações de futebol.

A valorização do esporte bretão na sociedade brasileira é tamanha, que suas palavras e suas expressões, consagradas em uma terminologia ampla, ultrapassam os limites da prática futebolística e invadem o campo da linguagem cotidiana, onde são investidos de novos sentidos, criando metáforas caracterizadoras da cultura “futebolingüística” do Brasil. É o que se pode notar nesse excerto retirado de *O país da bola*, um ensaio sobre a cultura futebolística nacional nos meandros do cotidiano:

Sentindo-se querido ou cobiçado, o brasileiro garante que o outro lhe ‘deu bola’. Tendo enganado o opositor, vangloria-se como o verbo ‘driblar’. Tendo se enganado, confessa que ‘pisou na bola’. Se excluído da atividade ou grupo, está ‘fora da jogada’. Se em dificuldade, mas com intenção de vencer, ‘vai derrubar a barreira’ e então clama por ‘bola pra frente’. Caso, no entanto, abra mão da luta, anuncia que ‘tira o time de campo’. Ameaça aposentar-se ‘pendurando as chuteiras’, seja homem ou mulher, presidente da República ou cantora de sucesso (MILAN, 1998, p. 18).

Com base nas afirmações de Bellos (2003) e Milan (1998), é possível concluir que o futebol é parte integrante da identidade nacional brasileira, de modo que qualquer coisa que se enuncie favoravelmente ao futebol já é uma forma de construir discursivamente a identidade do Brasil, principalmente durante uma Copa do Mundo. Segundo Fernández (1974, p. 49), “durante uma Copa do Mundo, o futebol, que sempre se expressou como afirmação de grupo – tanto um bairro quanto um grupo social podia tomar a forma de um clube –, passou a ser um meio de afirmação nacional”. Para os países que fizeram do futebol seu esporte nacional, a Copa do Mundo significa, no nível simbólico, o momento em que se estabelece uma certa hierarquia entre as próprias identidades nacionais (Antunes, 2004). Ainda mais para os latino-americanos, em especial argentinos, brasileiros e uruguaios, que aprenderam a jogar futebol com os ingleses: o futebol serviu, em tempos passados, como espaço e instrumento de afirmação de suas identidades nacionais ante os europeus (Vogel, 1982). Uma relação entre o mais importante torneio de seleções internacionais e o Brasil também não passa despercebida ao olhar perspicaz de Bellos (2003, p. 57): “o Brasil mede sua história recente pelas Copas do Mundo, já que é durante as copas que mais se identifica como nação”.

Esse movimento de afirmação nacional que se desenrola por ocasião da Copa é verificado com mais intensidade no Brasil, pois, ainda conforme Fernández (1974), a Copa do Mundo tem um sabor mais especial para os brasileiros do que para os outros povos, já que é nela que o Brasil se reconhece como potência capaz de derrotar as superpotências políticas que subjagam o país no campo econômico. Durante a Copa, tanto o discurso da imprensa, que dedica várias páginas de jornal e revista e muitos minutos no rádio e na televisão à cobertura jornalística do evento, assim como o discurso publicitário e o discurso musical materializado sobretudo pelo samba, no intuito de atender aos objetivos específicos de suas práticas, intensificam o apelo às massas em torno dos símbolos nacionais – como a bandeira verde e

amarela e a camisa da seleção – e fomentam um enorme sentimento de pertencimento nacional, como pode ser visto nos versos de Miguel Gustavo, que em 1970 cantavam: “90 milhões em ação / Pra frente Brasil, / Do meu coração / Todos juntos vamos / Pra frente Brasil, / Salve a Seleção”. Nesse momento, para muitos torcedores, apagam-se as mazelas socioeconômicas do país e as desventuras particulares de cada cidadão. É como se o Brasil inteiro estivesse reunido em torno de uma única causa: a conquista da Copa, uma metáfora da conquista do mundo via futebol. Também via futebol, os heróis brasileiros não são os navegadores, generais ou soldados, mas sim os jogadores, heróis das batalhas que, no plano simbólico, são as partidas da Copa do Mundo.

É também durante a Copa que torcedores de Corinthians, Palmeiras, Flamengo, Fluminense, Cruzeiro, Atlético Mineiro, Grêmio, Internacional e tantos outros clubes deixam de lado a rivalidade entre seus times do coração, para torcer por uma esquadra só: a seleção brasileira, a representante maior da pátria, da maneira de ser do brasileiro, de sua subjetividade, de uma identidade nacional homogênea, uma vez que, no imaginário cultural, a seleção está inscrita como a equipe que congrega as características principais da brasilidade, como a criatividade, ginga, alegria e molecagem¹. Sendo assim, os caminhos trilhados pela seleção brasileira, os espaços ocupados pelo futebol brasileiro, são caminhos e espaços em que se inscreve o Brasil e sua gente. Não é à toa que os versos de Maugeri, Müller, Sobrinho e Dagô cantam “A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa”, e não “com a seleção brasileira não há quem possa”, ou “com o futebol do Brasil não há quem possa”. A mesma intercambialidade entre “Brasil”, “seleção brasileira” e “brasileiro” pode ser notada nos versos do *Pra frente Brasil* escritos no parágrafo anterior.

Parafrazeando o antropólogo Roberto DaMatta (1993), o futebol, assim como o samba e a malandragem, é um dos elementos culturais que fazem do Brasil Brasil.

Discurso, identidade, memória e mídia

Vamos tratar agora dos conceitos-chave empregados neste trabalho. Para falar de discurso, lançamos mão de uma afirmação de Foucault (1992), segundo a qual o discurso articula saber e poder – poder como o teorizado pelo filósofo francês em *Microfísica do poder*, que diz respeito à condução de condutas, a prender o indivíduo a uma identidade, a conduzir sua subjetividade. E o que isso tem a ver com o discurso da crônica esportiva, que está materializado no arquivo de crônicas que analisaremos?

Na sociedade brasileira, a crônica esportiva está legitimada como um espaço de saber esportivo. Essa legitimação advém da formação dos sujeitos-autores, em sua maioria ex-

¹. Os discursos que qualificam o futebol brasileiro como alegre, cheio de ginga e criatividade, ao contrário do que podemos ser levados a concluir, não tiveram início no interior da prática futebolística ou da mídia especializada. Conforme contam Bellos (2003) e Antunes (2004), esses discursos surgiram com uma espécie de “determinismo às avessas”, caracterizado pela diferenciação entre raça e cultura – resultado da influência do antropólogo Franz Boas, o primeiro a fazer essa separação entre as questões de ordem genética e aquelas de ordem social e cultural – desenvolvida pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre no início do século XX e exposto principalmente em sua obra clássica, *Casa grande e senzala*. Para Freyre, a mistura racial de que o Brasil fora palco durante a colonização, sofrendo notadamente a influência africana dos escravos, conferiu ao povo brasileiro um jeito de viver, e aos jogadores um estilo de jogar futebol, baseado na ginga da capoeira, no bailado serpenteante do samba, na malandragem dos morros e na alegria da molecada suburbana. Embora esse estilo, exatamente como fora idealizado e praticado entre os anos 1950-70, já não se repita há um certo tempo, é até hoje a marca registrada da nacionalidade futebolística brasileira, diferenciando-a das demais seleções e fazendo-a parecer imbatível. Essa maneira peculiar de jogar futebol é pautada essencialmente pela habilidade individual prodigiosa, que ofusca as táticas do coletivo. Dribles e fintas têm preferência no lugar de disputas físicas e passes de longa distância. É o famigerado futebol-arte – chamado de *beautiful game* (jogo bonito) pelos ingleses – que faz dos brasileiros tanto esportistas quanto artistas.

jogadores e treinadores ou jornalistas especializados no assunto. Os ex-jogadores e treinadores são reconhecidos como “autoridades” do comentário esportivo, porque já viveram o dia-a-dia do esporte profissional. Em outras palavras, é a sua experiência que os legitima a falar de esportes. Já os jornalistas esportivos têm uma espécie de formação acadêmica no assunto, porque teoricamente dedicam boa parte de seu tempo a estudar e a analisar as modalidades esportivas, bem como suas implicações na sociedade. O saber futebolístico veiculado pela crônica de futebol enuncia e interpreta a história do esporte, dá destaques positivos e negativos a equipes, jogadores, treinadores e árbitros, enfim, constrói discursivamente subjetividades ou identidades para os enunciadores do mundo da bola, pois o saber, conforme Foucault (1995), é um dos elementos que, pelo discurso, transforma indivíduos em sujeitos.

E por que subjetividades ou identidades? Porque segundo Sousa Santos (2001), o nome que a identidade recebe a partir da Modernidade é o de subjetividade. Falando em subjetividade, a noção que adotamos aqui é a de Rolnik (2000), para quem subjetividades dizem respeito a um modo de pensar, de agir, de sonhar, de amar, enfim, modo de ser que recorta o espaço, formando um interior e um exterior. São processos vivos e móveis, feitos de forças e discursos provindos de diferentes meios – profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico. Para Coracini (2004), o sujeito é um construto social e discursivo, pois é no e pelo discurso que a identidade é criada – identidade que, segundo a lingüística aplicada, significa ilusão de inteireza e totalidade que se apresenta como produto final, completo, sólido e imutável, escondendo as tensões, as práticas e os jogos polissêmicos que o construíram.

Para falar sobre a relação entre a memória, a mídia e a construção discursiva da identidade, lembramos os estudos de Halbwachs (1988) e Nora (1985), afirmando que a mídia, detentora de arquivos sobre o passado, funciona como um “lugar de memória”, isto é, um indicador empírico da memória coletiva, que a emprega como elemento essencial para a construção e reafirmação da identidade nacional. Em outras palavras, a memória social e coletiva pode ser usada na mídia para interpretar, e até mesmo produzir, acontecimentos do presente de modo a definir e reforçar certas características e certos sentimentos de pertencimento que identificam indivíduos entre si em um grupo – ou seja, criam uma identidade para eles – e, ao mesmo tempo, estabelecem fronteiras com as demais coletividades, diferenciando esses indivíduos de outros, pertencentes a outros grupos.

Convém esclarecer que a memória que estamos mencionando é aquela teorizada por Pêcheux (1999) como um espaço onde se inscrevem ideologias, crenças e discursos, que são a condição essencial de produção e interpretação de seqüências discursivas, de sentidos. É recorrendo à memória – retomando-a ou modificando-a – ou melhor, aos mitos, às ideologias, às imagens, enfim, aos sentidos inscritos na memória coletiva que a mídia interpreta e, muitas vezes, engendra acontecimentos, construindo discursivamente identidades para eles e para seus actantes e realizando assim a historiografia do presente.

No que se refere à relação entre mídia, memória e identidade do futebol brasileiro e dos brasileiros, Bellos (2003) diz que o impacto da mídia é tão retumbante que, apesar de a seleção brasileira jamais ter repetido o celebrado futebol-arte da Copa do Mundo de 1970, tal maneira de jogar ficou inscrita na memória coletiva que o mundo inteiro atualiza ao pensar, falar e escrever sobre o Brasil e sua maneira de jogar futebol. Apesar de o brilhantismo do futebol verde-e-amarelo ter surgido no final da década de 1950, foi consagrado somente dez anos mais tarde, graças, entre outros fatores, “ao impulso da TV colorida, que imortalizou Pelé e as camisas amarelas sobre o fundo até então preto-e-branco do esporte mundial” (p. 20). Portanto, ao enunciar o futebol brasileiro e o Brasil, a mídia – não só pelo discurso jornalístico, mas também e principalmente pelo discurso publicitário – retoma um já-dito, uma memória que exalta o talento, a criatividade, a ginga e a alegria dos

jogadores nacionais, marcas contundentes da brasilidade, reforçando o pertencimento da nação às características do futebol nacional e identificando, por meio delas, os brasileiros entre si.

O arquivo e a metodologia

Como já dissemos anteriormente, o arquivo deste trabalho é composto por crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* entre os dias 01 de junho e 22 de julho de 1998, por ocasião da 16ª edição da Copa do Mundo, realizada na França. Embora a competição tenha durado pouco mais de um mês – de 10 de junho a 12 de julho –, abarcamos textos anteriores e posteriores ao evento, porque os primeiros captam o clima de pré-Copa, quando se delineia a identidade das seleções; e os segundos registram a identidade em outro momento histórico, o fim da Copa que, no ano de 1998, foi perdida pelo Brasil, provocando a frustração de uma grande parcela da imprensa e da torcida nacionais, que estavam crentes na vitória. Essa escolha leva em consideração o conceito de que identidades ou subjetividades são processos vivos e móveis, que se modificam segundo a influência de condições históricas.

A opção pelas crônicas publicadas na *Folha de S. Paulo* deve-se ao fato de que os textos midiáticos impressos antigos são muito difíceis de serem encontrados. Embora os jornais e as revistas os tenham guardados em seus acervos particulares, não os disponibilizam para leitura, consulta ou análise do leitor comum ou do pesquisador, salvo raríssimas exceções, como é o caso da *Folha de S. Paulo*. Em seu site, numa seção chamada Arquivos Folha, o jornal deixa livres, para acesso de seus assinantes e dos assinantes do provedor UOL (Universo On-Line), uma empresa co-irmã, todos os textos jornalísticos publicados desde 1994.

A partir da noção de “acontecimento histórico”, concebida por Foucault (1971) como a emergência daquilo que é novo, e também com base nas ressalvas que Pêcheux (1988) faz a essa noção – de que o acontecimento não é um “aerólito miraculoso” e que, portanto, não irrompe independentemente das redes de memória –, pode-se dizer que a Copa de 1998 foi palco de um acontecimento histórico. Com o tetracampeonato de 1994, o Brasil voltava a assumir a hegemonia no esporte bretão. Durante os quatro anos que separaram a Copa dos Estados Unidos e a da França, uma turma de excelentes jogadores brasileiros surgiu.

O treinador, Mário Jorge Zagallo, ainda desagradava mas, imaginavam torcedores e jornalistas, dificilmente alguém derrotaria um time formado por Ronaldinho, Rivaldo, Roberto Carlos, Giovanni, Cafu e os experientes Taffarel, Aldair, Romário e Bebeto. De fato, o talento singular do Brasil predominou sobre seus adversários e o levou mais uma vez à grande final, e como favorito ao título.

Até aí, nada de novo. Das quinze copas que havia disputado, o Brasil chegava à final pela quinta vez. O adversário era a desprestigiada seleção da França. Embora estivessem jogando com o apoio de sua torcida, não se esperava que os franceses fossem tão longe. Mas de desprezíveis antagonistas, os azuis, como eram conhecidos os jogadores da seleção francesa, tornaram-se campeões do mundo, derrotando a favoritíssima seleção brasileira pelo surpreendente placar de 3 a 0.

Para grande parte do povo brasileiro, uma derrota brasileira em final de Copa do Mundo produz acontecimento, pois movimenta e modifica uma memória social e discursiva de qualidade insuperável, com favoritismos e vitórias que marcam a seleção brasileira de futebol, acontecimento deveras traumático para muitos torcedores. Os revezes no futebol costumam abalar a identidade dos brasileiros, seja como equipe de futebol, seja como nação, principalmente quando as circunstâncias apontam para uma vitória infalível. Foi assim

também em 1950, contra o Uruguai, no Maracanã, na então capital Rio de Janeiro. Na época, a expressão “complexo de vira-lata”, cunhada por Nelson Rodrigues, materializou a falta de fibra moral que parecia ter tomado conta do brasileiro não só no esporte, mas também na vida, já que, de acordo com DaMatta (1982), a derrota em 1950 caracterizava a perda de uma oportunidade histórica para uma nação que estaria se colocando na rota do progresso e do desenvolvimento – ideologia amplamente apregoada então –, cujo marco simbólico era a construção do Maracanã, o maior estádio do mundo na época, prova da capacidade de organização, união e trabalho dos brasileiros.

O método empregado para percorrer esse arquivo de crônicas que comentou o acontecimento histórico descrito acima é o do “trajeto temático”. Elaborado por Guilhaumou & Maldidier (1994), a metodologia com base no conceito de trajeto temático requer a escolha de um tema, que norteará a definição de um conjunto de configurações textuais, ou seja, uma palavra ou expressão, cuja repetição será analisada em um arquivo, a fim de verificar de que novos sentidos essa palavra ou expressão foi locupletada e em que condições sócio-históricas. Os dois analistas do discurso analisaram o tema da subsistência em textos políticos e jurídicos publicados na França do século XVIII. Para tanto, perseguiram a expressão “pão e x” e avaliaram como e sob qual historicidade ela foi sendo preenchida.

Como nosso trabalho visa analisar a identidade nacional que é construída pelos discursos do e sobre o futebol brasileiro, materializada na crônica esportiva impressa, perseguimos as expressões “Brasil”, “seleção brasileira”, “futebol brasileiro” e outras que apresentam alguma contigüidade semântica, como, por exemplo, “nosso futebol”, “nossa seleção”, etc.

Afirmção da identidade nacional, “não-sei-o-quê” e dissonâncias discursivas: a materialidade dos acontecimentos

Diferente do sucedido durante a Copa do Mundo de 1994, quando a construção discursiva da identidade do futebol brasileiro – e, conseqüentemente, da identidade nacional brasileira – realizada no e pelo discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* subdividiu-se em três momentos definidos (cf. Pecenin, 2007a, 2007b, 2007c), o processo de construção da identidade nacional brasileira, concretizado no e pelo discurso das crônicas esportivas ao longo de toda a Copa de 1998, foi marcado sobretudo pela presença polêmica de discursos dissonantes.

De um lado, buscava-se afirmar nossa identidade nacional simbolizada pelo futebol-arte, lançando mão de discursos que sustentavam uma unidade subjetiva homogênea e fundadora: a do brasileiro alegre, criativo, habilidoso e vencedor, enfim, o artista da bola, o melhor do mundo, que só pode ser derrotado por si próprio.

De outro lado, as vozes dos membros do conselho editorial e dos colaboradores da *Folha de S. Paulo*, ocupando uma fatia do espaço da crônica futebolística, negaram por várias vezes o consenso de que o futebol é uma unanimidade nacional, o maior e melhor bem da cultura brasileira, ao criticar a conduta dos torcedores brasileiros durante um Mundial e ao colocar em xeque a ampla identificação entre o Brasil e o futebol. Como veremos adiante, esses contra-discursos apoiavam sua argumentação nos aspectos negativos da política nacional, em algumas atitudes deletérias de torcedores, na apropriação mercantilista do futebol pela mídia e no apetite capitalista dos jogadores brasileiros, mais preocupados em conquistar novos patrocinadores do que em conquistar títulos.

Se, em 1994, havia muita expectativa sobre uma grande campanha da seleção brasileira (cf. Pecenin 2007a, 2007b, 2007c), em 1998, as coisas foram um pouco diferentes. Durante o período pré-Copa, isto é, a fase de preparação de aproximadamente 15 dias que

antecede o evento, o Brasil realizou duas atuações fracas ante o clube Athletic Bilbao, da Espanha, e a seleção de Andorra. Esperava-se que a seleção brasileira desse um show e aplicasse duas goleadas, não só por causa da pouca qualidade dos adversários, mas principalmente por causa do talento de uma equipe que contava com os dois melhores jogadores do mundo na época, Ronaldinho, o Fenômeno – chamado hoje de Ronaldo – e Roberto Carlos, além de outros craques, como Rivaldo, Leonardo, Cafu e Denílson.

Graças a esses resultados, à estréia apagada contra a Escócia – vitória do Brasil por 2 a 1 –, à derrota diante da Noruega e à instabilidade que a seleção demonstrou até as quartas-de-final diante da Dinamarca, começavam a se delinear, no discurso das crônicas futebolísticas analisadas, efeitos de sentido de dúvida sobre a identidade da seleção brasileira, efeitos que instauraram um clima de incerteza sobre a produção do discurso sobre a identidade nacional:

- (1) Uma seleção que, de resto, permanece sob o signo da imprevisibilidade total (KFOURI, 1998b).
- (2) O pior é que não sei do que seremos capazes. Pode ser que simplesmente a gente caia no artilheiro irritante dos escoceses, como também pode ser que baixe um orixá em cada um, e que a bola passe a rolar com aquela fluência e leveza que todos nós esperamos de um Cafu, de um Roberto Carlos, de um Giovanni, de um Rivaldo, de um Bebeto e de um Ronaldinho, todos sob o comando de Dunga, até agora nosso maestro no meio-campo (HELENA JUNIOR, 1998).

Devido ao que o primeiro enunciado (1) chama de “imprevisibilidade total” da seleção brasileira, verifica-se a construção discursiva de uma subjetividade hesitante, oscilando entre a espera por uma boa atuação “de um Giovanni, de um Rivaldo” e o tom moderado de “pode ser que simplesmente a gente caia no artilheiro irritante dos escoceses”.

O segundo enunciado (2), por sua vez, associa o nome de jogadores da seleção brasileira de 1998 aos substantivos “fluência” e “leveza”, qualidades que não apenas predicam a maneira como eles sabem fazer a bola rolar, mas que também acionam uma memória discursiva sobre o futebol-arte, cujas características são fluência e leveza, entre tantas outras citadas anteriormente.

A modalização dos nomes próprios com o artigo indefinido “um” cria um efeito de sentido que estabiliza as identidades de Cafu, Roberto Carlos, Giovanni, Bebeto, Rivaldo e Ronaldinho como sendo craques. A possibilidade de poder contar com o talento abundante e a grande fase que experimentavam esses jogadores era uma das condições de produção que sustentavam a construção discursiva dessa identidade.

Além disso, ao afirmar que esperamos fluência e leveza de Cafu, Roberto Carlos e demais jogadores supracitados, o enunciador inclui, com o emprego do pronome pessoal “nós” implícito na terminação de “esperamos”, os leitores numa coletividade de brasileiros que, às vésperas da Copa, vivem a expectativa de assistir a um futebol jogado de maneira leve e fluente. São procedimentos que visam afirmar a identidade do futebol brasileiro, reforçando algumas de suas qualidades, citando os nomes de alguns de seus grandes jogadores na época e inscrevendo um lugar de expectativa positiva para o leitor/torcedor.

Dialogando com esse processo, surge a expressão “não-sei-o-quê”, apontada pela maioria dos cronistas da *Folha de S. Paulo* como aquilo que estava faltando para a seleção brasileira deslanchar, colocar em campo sua identidade, digamos, legítima. Embora a presença efetiva da expressão em questão não seja freqüente, o “não-sei-o-quê” é bastante representativo dessa tendência do discurso da crônica futebolística da *Folha* em apontar, na própria seleção brasileira, os motivos pelo seu desempenho apagado.

Também é possível notar, nesse processo, uma certa defesa da identidade nacional brasileira, porque os enunciados que corroboram a teoria do “não-sei-o-quê” creditam a algum problema interno, inerente à própria seleção brasileira, ou seja, a responsabilidade por a equipe verde-e-amarela não conseguir apresentar-se com todo o seu potencial. Em outras palavras, a crônica analisada faz um esforço para manter a supremacia da identidade do Brasil como a nação detentora do melhor futebol do mundo, produzindo discursos em que se nota uma certa resistência em admitir as qualidades dos oponentes, discursos segundo os quais a seleção brasileira só perderia para si mesma ou para algum agente deletério que macula sua identidade de futebol-espetáculo de melhor do mundo, pois não havia nenhuma outra seleção capaz de derrotá-la.

Como poderemos observar nos três exemplos seguintes – (3), (4) e (5) –, o “não-sei-o-quê” poderia ser uma série de coisas, entre elas: a internacionalização da seleção brasileira que, assim como em 1994, deu margem à polêmica entre a individualidade do jogador brasileiro e a globalização do jogo em equipe (cf. Pecenin, 2007a, 2007b, 2007c), e o excesso de estrelismo de alguns jogadores que, além de ficarem se atracando verbal e até fisicamente por um lugar na equipe titular, estavam mais preocupados em atender aos interesses mercantilistas de seus empresários e patrocinadores:

- (3) O Cony vem insistindo em suas colunas sobre a Copa que a tal de globalização começou pelo futebol. É bem possível. Basta ver que, dos 11 titulares de Zagallo, só 3 jogam no futebol brasileiro (Taffarel, aliás já de saída, Júnior Baiano e Bebeto) (ROSSI, 1998a).

Presente no excerto acima, a expressão “11 titulares de Zagallo”, empregada em lugar de, por exemplo, “11 titulares da seleção brasileira”, gera um efeito de distanciamento entre o time comandado pelo treinador e a seleção que representava o Brasil naquela Copa, acentuando a polêmica entre a internacionalização da equipe brasileira e sua nacionalização, isto é, sua formação feita com uma maioria de jogadores que atuam em clubes do Brasil.

- (4) Falam agora que houve até agressão física. É muito ruim para um grupo ficar nessa situação, ainda mais quando a Copa do Mundo está quase começando. “Esse é um momento de união, e os jogadores devem ser mais que nunca companheiros uns dos outros, não ficarem batendo boca. [...] O futebol fraco que a seleção brasileira apresentou no amistoso contra o time de Andorra, que é muito ruim, talvez decorra dessas disputas internas (SANTANA, T., 1998a).
- (5) A análise que se pode tirar da derrota de Marselha é simples: homem por homem, isoladamente, como numa apresentação de misses num concurso de beleza, o Brasil dá banho. Como jogo associado, esse conjunto de misses deslumbrantes não forma um sentido. Perdem para a Noruega e perderão para o Chile, amanhã, se continuarem a pisar o gramado como numa passarela de visibilidade internacional. [...] Já o Brasil parece vergado ao peso de sua própria glória, de suas medalhas, de seus patrocinadores. Não é mais uma equipe de futebol, mas um conjunto pop de superastros que, diga-se de passagem, até aqui nada fez de notável nesta Copa de 98 (CONY, C. H., 1998a).
- (6) Se alguém se animar a colocar em um computador o talento individual dos jogadores brasileiros e, em especial, o seu molejo, na comparação com seus adversários da Noruega, o resultado final seria algo em torno de 10 a 0 ou por aí para o Brasil.

Mas, como futebol não é videogame, deu Noruega.

Deu porque continua faltando, sempre, alguma coisa ao time brasileiro [...] Acaba ficando monótono ter que repetir que falta aquele não-sei-o-quê no time brasileiro (ROSSI, C., 1998b).

No trecho acima (6), o enunciador reafirma a identidade do futebol brasileiro ao diferenciá-lo do futebol europeu, representado pela Noruega, empregando, como base de comparação, duas expressões que, correspondentes a duas das categorias marcantes e originais do futebol-espetáculo dos brasileiros, inferiorizam o estilo norueguês: o “talento individual”, que preenche de sentido as expressões “jogador brasileiro” e “em especial, o seu molejo”.

A reafirmação dessa identidade também é feita na passagem envolvendo o prognóstico da partida Brasil x Noruega elaborado pelo computador. No interior de uma formação discursiva, segundo a qual a informática produz uma verdade pura e incontestável, o enunciador de (6) afirma que o resultado natural seria uma goleada do Brasil. Ou seja, excluídos os fatores acidentais, os imprevistos que transformam o futebol numa caixinha de surpresas, naturalmente deveria vencer o Brasil, praticante do melhor futebol.

Aliás, o discurso do futebol como uma caixinha de surpresas, ao qual o esse enunciador também se filia, pressupõe a superioridade de uma equipe sobre a outra, pois classifica como surpreendente e insólita a vitória do time teoricamente mais fraco sobre o time teoricamente mais forte. Assim, a superioridade seria naturalmente do Brasil sobre a Noruega. A expressão “não-sei-o-quê”, ou melhor, a falta dela justifica a derrota para a Noruega, classificada por alguns comentaristas da época como a primeira “zebra” – resultado absurdo, completamente inesperado – da Copa. Mesmo tendo o Brasil perdido o jogo, seus deméritos é que foram responsabilizados, e não as virtudes dos noruegueses.

Esses discursos entrecruzam-se com discursos políticos e econômicos que apareceram em diversas crônicas analisadas. Não era só no futebol que o Brasil precisava parar de apostar somente em conquistas passadas e desenvolver as novas estratégias, tomar novos rumos e buscar um certo equilíbrio. No cenário político-econômico mundial também. Como é possível observar no trecho abaixo, a derrubada da inflação foi, sem dúvida, um grande feito do presidente Fernando Henrique Cardoso, que agora precisava ocupar-se da justiça social e do desenvolvimento:

- (7) Já escrevi, na página 2 desta *Folha*, meu cantinho mais habitual, que a queda da inflação equivaleu a tirar da sala o bode. Antes que uma inflação indecente se instalasse, o Brasil era um país injusto, subdesenvolvido, carente, o diabo. Às tais carências, juntou-se a inflação debochada. Eliminada esta, a sala ficou livre do mau cheiro do bode, mas não da injustiça, do subdesenvolvimento etc.
FHC, no entanto, convenceu-se de que a sua obra estava completa com a vitória sobre a inflação (no pressuposto de que ela seja definitiva, pressuposto que seu ministro Pedro Malan não dá por assegurado) (ROSSI, C. FHC, 1998c).

E por falar em entrecruzamento de discursos políticos, econômicos e futebolísticos, a interdiscursividade é outra característica marcante nesta análise. As crônicas de futebol, que são geralmente escritas por ex-jogadores e treinadores ou jornalistas esportivos, também foram escritas por jornalistas políticos, principalmente os editorialistas e os colaboradores da *Folha de S. Paulo*, durante a cobertura que o jornal realizou sobre a Copa de 1998.

É fundamental ressaltar a importância dessa atitude para nossa análise. Representantes da(s) ideologia(s) à(s) qual(is) o jornal se filia, os discursos, a(s) voz(es) e o tom áspero dos editorialistas foram vigorosos, retumbantes e recalcitrantes no processo de construção discursiva de uma identidade nacional um pouco desvinculada da imagem do

futebol e, por isso mesmo, mais contida e menos eufórica em relação ao desempenho da seleção brasileira, e mais atenta às questões políticas, econômicas e sociais do Brasil. Em outras palavras, era a rejeição da identidade nacional fundadora, caracterizada pela alegria, criatividade, descompromisso, indisciplina e falta de seriedade, identidade que o discurso da crônica futebolística da *Folha* insistia em afirmar em 1994 no intuito de se des-subjetivar em relação à seleção de Parreira e seu futebol burocrático (cf. Pecenin, 2007a, 2007b, 2007c).

Os editores Clóvis Rossi, Jânio de Freitas e Marcelo Coelho, além das colaboradoras Marilene Felinto e Bárbara Gancia, principalmente, posicionaram-se contra o ufanismo que costuma tomar conta de grande parte país durante uma Copa do Mundo e mascara muitos dos problemas sociais do Brasil, como fome e racismo, que não se resolvem com o otimismo hipócrita alardeado pela mídia.

No trecho abaixo, por exemplo, Rossi retoma o discurso da política do pão-e-circo e preenche as palavras “pão” e “circo”, respectivamente, com os sentidos de “comida” e “futebol”, para condenar a importância exacerbada que a mídia e muitos torcedores brasileiros – inclusive, os governantes e outras autoridades importantes – dão a uma vitória ou a uma derrota da seleção, em comparação à falta de interesse pela fome – segundo o enunciador, uma questão mais significativa que o futebol – que assola o país.

- (8) Circo é bom e eu gosto, mas pão é mais importante, pelo menos no Brasil. E a quantidade de pão à mesa de cada qual não vai aumentar se a seleção ganhar nem vai diminuir se perder (ROSSI, C., 1998d).

Já no excerto abaixo, Felinto critica a exclusão e o exílio social do negro brasileiro no futebol, atacando a valorização hipócrita que a mídia, nomeadamente a Rede Globo, e a classe média brasileira conferem aos traços físicos dos negros e mulatos, raças às quais pertenciam a maioria dos jogadores da seleção brasileira de 1998 durante uma Copa do Mundo:

- (9) Não é bem o tipo físico dos homens da seleção que a TV Globo estampa nas suas novelas de horário nobre, por exemplo. Não é nenhum Ronaldinho dentuço, nenhum Roberto Carlos atarracado, nenhum beijuado como César Sampaio ou Aldair que a Globo escolhe para astro das novelas ou âncora de seus telejornais. Não é bem esse tipo físico – da maioria dos brasileiros – que a mídia escolhe para apresentar em fotografias, em anúncios reluzentes de revistas que vendem produtos. Mas como é Copa do Mundo, a hipocrisia da classe média resolve arrotar louvores à nossa mestiçagem, dizer que neguinho é lindo, que pretinho isso e aquilo. (FELINTO, M., 1998a).

Tentar conter, com discursos dissonantes, o entusiasmo popular sobre o futebol brasileiro foi também uma estratégia utilizada com o objetivo de chamar a atenção dos leitores para os defeitos da política econômica de Fernando Henrique Cardoso, a quem a *Folha de S. Paulo*, por esse gesto discursivo, opunha-se ideologicamente, como constatamos no trecho a seguir, em que Marcelo Coelho filia-se ao discurso da infantilidade do brasileiro, simbolizada pela ingenuidade que o português colonizador, sobretudo o jesuíta, enxergava no indígena brasileiro, para pregar como infantil – e por que não ingênua? – a ilusão de desenvolvimento gerada por um dos pilares da política econômica neoliberal de FHC, o aumento das exportações em detrimento das importações (superávit comercial):

- (10) É como se nós fôssemos uns perpétuos enganados pelo FMI, uns dominados pelo imperialismo, o que nos impede o uso da imaginação e da pureza. [...] Cabe-nos perceber, acho, que nenhuma torcida vale por um superávit comercial. Que toda torcida, fanática no futebol, cética no Oscar, é infantil. E é a defesa de um mundo

infantil que se reproduz, sem a infantilidade de Guga ou de Pelé de 58. É a infantilidade adulta: bom resumo do Brasil nos tempos de FHC (COELHO, 1998)

Ao criticar o Brasil, o discurso dos editorialistas e dos colaboradores busca modificar a identidade dos brasileiros fanáticos por futebol que, segundo esse discurso do conselho editorial da *Folha*, deveriam ser mais sérios e mais céticos quanto à situação política, econômica e social do país. Em grande parte das crônicas referentes à Copa de 1998, a palavra “Brasil” representava pouco a seleção nacional, mas muito um país cheio de mazelas sociais, corrupção política e impunidade:

- (11) Nada melhor do que a distância geográfica para enxergar o Brasil em seu lugar no mundo: um Legislativo ineficiente, encoberto por centenas de suspeitas de corrupção e comportamento imoral, um Judiciário atolado em leis que não servem para nada (que não punem ninguém e que ninguém cumpre), um Executivo ‘forte’, com poder de ordenar execuções sumárias de medidas provisórias e enganações eternas – mas um país que joga um futebol bom, o melhor do mundo. (FELINTO, M., 1998b).
- (12) As notícias que chegam do Brasil aqui na França dão um pouco de vergonha: é Congresso que entra em recesso branco, é banco mudando de horário por conta da Copa, é deputado e mais deputado livre de cassação, é sem-terra sendo baleado, é velho morrendo na fila do INSS, é a seca batendo recordes, é traficante decorando a favela para o Mundial de futebol, é bandeira verde-amarela em todo canto. [...] Nenhuma pessoa razoavelmente sensata pode dizer que o Brasil é sério. O caso dessa cambada de deputados que acaba de se livrar da cassação é o exemplo mais típico da conduta acanalhada que o país adota como norma (FELINTO, M., 1998c).

Em (11) e (12), as expressões “nossa seleção” e “nosso futebol”, freqüentemente observadas na crônica futebolística, não foram empregadas. Esse é mais um procedimento discursivo para dar evidência aos problemas socioeconômicos do país, mantendo assim distante da identidade nacional a euforia e o ufanismo comuns no Brasil em tempos de Copa do Mundo.

Por sua vez, as palavras “nós” e “brasileiros”, no interior desse discurso de que o Brasil não é um país sério, corroboram uma identidade nacional brasileira permeada pela falta de seriedade, que continuará sendo assim enquanto os torcedores, os governantes e a mídia derem mais valor ao futebol que aos assuntos verdadeiramente essenciais, como o subdesenvolvimento, a fome, o desemprego, a violência.

Convém lembrar que esse discurso costuma representar o país aos olhos dos estrangeiros, graças, entre outros fatores, à vinculação, produzida pela mídia internacional em larga medida, do futebol e do carnaval à imagem do Brasil. Considerados como dois espetáculos, duas festas, carnaval e futebol, também caracterizados pelo seu aspecto lúdico – não é à toa que se diz “brincar o carnaval” e “brincar de bola” –, atribuem à subjetividade brasileira contornos de infantilidade, descompromisso, indisciplina e falta de seriedade.

Dialogando com esses contradiscursos, aparecem outros, que reprovam e questionam a conduta irresponsável dos torcedores brasileiros que, em tempos de Copa, manifestam um patriotismo preso unicamente ao futebol:

- (13) Repito: o destino da pátria não se joga em um campo de futebol (ROSSI, C., 1998d).

- (14) [...] na pressa de chegar a sua casa para ver o jogo, [o torcedor brasileiro] é capaz de atropelar o pedestre igualmente brasileiro que cruza a rua na sua frente.

Quantas vezes não ouvimos a expressão "pátria" jogada no meio de uma frase sobre a seleção brasileira?

Será que nossa noção de pátria é tão merreca que pode ser reduzida a um mero campeonato de futebol? [...] continuamos devendo aos índios e paraguaios que massacraram, aos africanos que escravizamos e aos nossos filhos, que deixamos morrer de fome e de falta de assistência médica na porta dos postos de saúde deste nosso Brasil varonil (GANCIA, B. 1998).

Nesse excerto, para argumentar que são absurdas as noções de pátria e de nacionalismo dos brasileiros que confundem “alhos com bugalhos”, como consta do título da crônica, Bárbara Gancia retoma a memória social e discursiva sobre a colonização, iniciada no século XVI – quando o Brasil foi palco de massacre de índios e escravização de africanos –, e sobre a Guerra do Paraguai, travada entre 1864 e 1870 – quando as forças armadas brasileiras protagonizaram o mais sangrento conflito armado do continente americano e contribuíram para a morte de cerca de 300 mil paraguaios.

Ainda em (14), “Copa do Mundo” é substituído por “um mero campeonato de futebol”, para reforçar a crítica ao nacionalismo incoerente dos brasileiros que, na pressa para chegar a casa e ver o jogo da seleção, são capazes de “atropelar o pedestre igualmente brasileiro que cruza a rua na sua frente”, das autoridades governamentais brasileiras que preferem incentivar o gosto pelo futebol a promover as melhorias necessárias na saúde, na educação, na segurança, enfim, nas condições de vida da população.

Pela sua temática, podemos afirmar que os discursos materializados em (13) e (14) dialogam com os discursos surgidos durante a Copa de 1970, criticando as práticas ufanistas da Ditadura Militar, comandada pelo general Emílio Garrastazu Médici, que estimulava em larga escala o entusiasmo do povo brasileiro pelo futebol, no intuito de desviar sua atenção das questões políticas, econômicas e sociais do Brasil e mascarar os atos de violência (perseguição, tortura e assassinato) cometidos contra os que questionavam o regime. No entanto, como a censura imperava sobre os veículos de comunicação da época, era muito difícil ver um desses contradiscursos nas páginas do jornal, nas ondas do rádio ou na tela da TV.

Vale destacar, ainda, que a negação do consenso de que o futebol é uma unanimidade nacional, o maior e melhor bem da cultura brasileira, a crítica ao patriotismo incoerente da mídia, dos torcedores e das autoridades brasileiras durante uma Copa do Mundo, assim como o questionamento da ampla identificação entre o Brasil e o futebol são procedimentos discursivos que, além de contribuírem para a construção discursiva de uma subjetividade diferente para o Brasil – como descrevemos anteriormente, menos eufórica com o futebol e mais preocupada com a situação política, econômica e social do país –, também ajudam a acrescentar, ao *ethos* da *Folha de S. Paulo*, contornos democráticos e intelectuais. Contornos democráticos porque o jornal analisa a relação entre o Brasil e a Copa do Mundo por dois vieses diferentes: o consensual e o contrassensual. Ou seja, dá voz tanto aos discursos que apóiam essa relação como aos discursos dissonantes. Contornos intelectuais porque, ao publicar também os contradiscursos, abre espaço ao questionamento e à reflexão que, embora assinados e publicados pelos colonistas, especialmente os membros do conselho editorial, também podem ser feitos pelo leitor quando ler o jornal.

E falando em leitor, devemos dizer que essa abordagem discursiva múltipla apresentada pela *Folha de S. Paulo* certamente visa atingir e conquistar um público-alvo heterogêneo, aumentando a gama de leitores e, conseqüentemente, os lucros do jornal com venda de exemplares, assinaturas e contratos de publicidade.

Mesmo com a derrota para a Noruega, o Brasil classificou-se para a fase seguinte. A seqüência de vitórias e, principalmente, mais um triunfo do Brasil sobre a Holanda², encheram de otimismo o discurso da crônica produzida pelos jornalistas esportivos – enquanto o discurso dos editores e colaboradores mantinha o tom moderado, as ressalvas a respeito do clima de euforia e as incertezas sobre o futuro da seleção naquela competição – e motivaram a reafirmação da identidade do futebol-espetáculo por meio do enaltecimento da maneira como atuaram os jogadores brasileiros, entre outros diferentes procedimentos discursivos:

- (15) Do mesmo modo que nós, brasileiros, disfarçamos a indiscutível superioridade que temos sobre quase o mundo inteiro neste ofício de jogar bola –Alemanha, Argentina e Itália são outra conversa –, usando um discurso sempre respeitoso, nossos adversários usam a tática inversa (KFOURI, J., 1998, p. 4).

Como se pode notar em (15), o pronome “nós” volta à cena para, criando um efeito de coletividade, afirmar a superioridade que, no futebol, os brasileiros detêm sobre os outros povos. Além disso, a menção ao discurso respeitoso remonta à cordialidade característica de uma identidade cultural brasileira que começou a ser construída ainda na carta de Caminha. Nesse momento, é possível notar também que o pronome “nós” volta a incorporar os brasileiros à seleção, que se tornava favorita na expectativa do inédito pentacampeonato:

- (16) Apesar de tudo, o vinho da vitória embriaga e nada melhor do que a consciência que merecemos não apenas a vitória, mas o calor do vinho que alegra a mente, o coração e o gesto. [...] Bem, estamos mais uma vez na final de uma Copa. Pegando a França ou a Croácia, temos futebol suficiente para colocar mais uma estrela na camisa amarela da seleção. O ‘timing’ da seleção é bom, a cada jogo se apresenta melhor (CONY, C. H., 1998b).

Com a seleção brasileira investida de favoritismo dos pés à cabeça, até a imagem do Brasil como nação, que vinha sendo tão espezinhada pela voz editorialista que ocupou parte do espaço da crônica futebolística da *Folha* durante a Copa da França, ficou fortalecida por causa das últimas vitórias. Nos excertos a seguir, observamos esse novo entrecruzamento discursivo entre futebol e política, em que a palavra “Brasil” ora assume o sentido de nação promissora, ora o de equipe de futebol pronta para pôr as mãos na taça, numa harmonia animadora entre as performances nacionais na política e no esporte:

- (17) Ingressos que custaram cerca de US\$ 50,00 nas mãos de cambistas que os revendem por não menos de US\$ 500,00. Desvio de entradas, lesando milhares de turistas que não puderam ver os jogos pelos quais pagaram com antecipação. Cenas da Copa de futebol num país de Primeiro Mundo.
Situações como essa gerariam uma crise de relevância internacional, caso tivessem ocorrido no Brasil. Os brasileiros seriam os primeiros a se mortificar diante da humanidade (FARIA, A. C., 1998).

Em (17), Faria chama a atenção para os problemas envolvendo cambistas que superfaturavam ingressos para os jogos da Copa de 1998. Esse é um procedimento discursivo que aproxima as identidades de Brasil, um país de Terceiro Mundo, e França, componente do Primeiro Mundo, e defende a identidade nacional brasileira, sugerindo que o Brasil não é

². Após um duelo que ultrapassou o tempo normal de partida e a prorrogação, terminou empatado em 1 a 1, e foi vencido pelo Brasil por 4 a 2, nos pênaltis, com destaque para o goleiro Taffarel e a dupla Rivaldo e Ronaldinho.

inferior aos países desenvolvidos, pelo menos no que diz respeito à organização de espetáculos futebolísticos. Aliás, no segundo parágrafo, o enunciador critica a hipocrisia com que os discursos provenientes do Primeiro Mundo abordam nossas falhas, concebendo-as como geradoras de crises “de relevância internacional”.

No entanto, contrariando a grande maioria das expectativas – e das apostas também –, a França venceu o Brasil e impôs ao país do futebol sua pior derrota em finais de Copa do Mundo: 3 a 0, com dois gols do astro franco-argelino Zinedine Zidane. Mesmo assim, o discurso da crônica esportiva da *Folha de S. Paulo* preferiu destacar os deméritos da seleção brasileira, reforçando a idéia de que o Brasil perdeu para si próprio. Em outras palavras, o discurso da crônica futebolística analisada fez nossa identidade, embora abalada por uma “zebra” ocorrida justamente numa final de Copa de Mundo, permanecer talentosa e vencedora, a ponto de sermos derrotados apenas por nós mesmos. Como vinha sendo verificado ao longo de uma parte do trajeto discursivo analisado, o maior rival do Brasil era ele mesmo.

Nesse sentido, acentuam-se as críticas ao menosprezo e à falta de seriedade e compromisso, demonstrados pela seleção brasileira, e à incompetência e desorganização dos dirigentes brasileiros, principalmente os da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), que foram apontadas anteriormente como prováveis causas do mau desempenho da seleção:

(18) [...] pode-se ir com serenidade aos fatos: a Confederação Brasileira de Futebol é povoada por irresponsáveis e mentirosos. Seu médico, Lídio Toledo, dá entrevistas supondo que o Brasil é habitado por um bando de cretinos (GASPARI, E.,1998).

(19) A seleção brasileira perdeu porque demonstrou certo menosprezo pelo time da França, achando que a qualquer momento poderia ir lá e marcar os gols que lhe assegurariam o título.

A segunda lição é de que no futebol, principalmente numa final de Copa do Mundo, o entusiasmo e a raça são indispensáveis. Faltou, sim, raça a alguns de nossos jogadores. Os jogadores da seleção brasileira – e esta não é a primeira vez que isso acontece – entram em campo mais preocupados com outras coisas do que com o rival, com o time que está do outro lado, por mais respeito que o time possa merecer. [...] Os jogadores agora precisam erguer a cabeça e estar preocupados em descobrir onde nós erramos. E não está difícil descobrir quais foram os erros, principalmente porque houve alguns jogadores para quem a Copa não parecia ser tão importante como realmente era (SANTANA, T., 1998b).

Nos trechos acima, nenhum dos enunciadores faz menção a qualquer qualidade da França, cujo treinador, Aimé Jacquet, colocou em prática estratégias defensivas e ofensivas que dificultariam a vida da seleção brasileira em qualquer circunstância, isto é, com ou sem menosprezo por parte dos jogadores brasileiros, com ou sem corrupção dos dirigentes – coisa que sempre existiu, mas que é deixada de lado quando o Brasil vence –, com ou sem a crise nervosa de Ronaldinho.

Em (19), o emprego do pronome “nós” consolida a identidade nacional vitoriosa, ao enfatizar novamente que a culpa pela derrota foi dos brasileiros que, além de reconhecer os acertos franceses, precisam descobrir onde erraram. E por falar na tal crise nervosa de Ronaldinho, que permanece sem explicação definitiva até hoje, o discurso da crônica, filiando-se ao saber do Brasil que perdeu para si mesmo, aliou os problemas supracitados à influência negativa exercida pela crise nervosa de Ronaldinho, sofrida poucas horas antes do jogo, sobre o grupo de jogadores:

(20) O fato deixou a comissão técnica da seleção desesperada e provocou um racha na equipe antes do jogo decisivo da 16ª Copa do Mundo de futebol.

Nas seis horas que se seguiram, até o início da partida contra a França, o Brasil perdeu o pentacampeonato. A derrota de 3 a 0 foi uma trágica consequência de acontecimentos que misturam despreparo, irresponsabilidade, incompetência e vaidade (MARIANTE, J. H., 1998).

No exemplo acima, as palavras “despreparo”, “irresponsabilidade”, “incompetência” e “vaidade” se relacionam com “Brasil” e “seleção”. Procurar falhas inerentes à própria seleção brasileira e justificar a derrota para a França por meio delas era uma forma de corroborar a identidade fundadora do futebol brasileiro. Em outras palavras, ainda éramos os melhores, apesar do revés inesperado causado não pelas virtudes do oponente, mas sim pelos nossos próprios defeitos.

Ao enunciar que o Brasil perdeu o pentacampeonato nas seis horas anteriores ao jogo contra a França, Mariante credita o fato a fatores internos, advindos dos bastidores da seleção brasileira, principalmente, o “racha”³ na equipe por conta dos problemas de saúde que acometeram Ronaldinho, para reafirmar a identidade do futebol brasileiro como a de melhor do mundo. Em (20), o discurso da crônica futebolística da *Folha de S. Paulo* também reafirma a identidade nacional brasileira, pois, além de o Brasil ser a sede desse melhor futebol do mundo – o futebol-arte, o futebol-espetáculo, então tetracampeão mundial –, o futebol é um dos elementos culturais que mais simboliza a identidade nacional do Brasil não apenas aos olhos do mundo todo, mas principalmente aos olhos do próprio povo brasileiro.

Essa era também uma forma de manter atualizado o interesse sobre a seleção brasileira e o futebol nacional, assuntos de interesse de parcela considerável da nação e matéria de que se serve a imprensa esportiva, inclusive a *Folha*, conservando a relação de poder entre mídia e público, no controle deste como leitores-ouvintes-telespectadores-consumidores de informações e produtos por ela divulgados. (Freitas Filho, 1985).

Considerações finais

Neste trabalho avaliamos, em um arquivo de crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* entre o início de junho e o fim de julho de 1998, como a mídia constituiu-se um poder regulador na construção discursiva da identidade do futebol brasileiro e da identidade nacional brasileira durante a 16ª edição da Copa do Mundo, realizada na França.

Para a análise do arquivo, foi adotado o método do trajeto temático, com base no qual percorremos as crônicas para verificar com que sentidos as expressões “futebol brasileiro”, “seleção brasileira” e “Brasil”, todas correlacionadas ao tema de nossa pesquisa, foram preenchidas e em que condições históricas.

A análise com base no conceito de trajeto temático indicou que o processo de construção da identidade nacional realizado no e pelo discurso das crônicas futebolísticas,

³. Ainda não há um consenso da mídia esportiva sobre o que aconteceu com Ronaldinho horas antes da final da Copa do Mundo de 1998. Uma das versões sobre o caso conta que houve uma grande polêmica entre os jogadores da seleção brasileira a respeito da convocação do atacante para aquela última partida. Entre pressões de patrocinadores e dirigentes, essa polêmica teria “rachado”, isto é, dividido a equipe em dois grupos com opiniões completamente divergentes. De um lado, um grupo de jogadores defendia que Ronaldinho, eleito pela FIFA como o melhor jogador do mundo na temporada precedente, entrasse para jogar. De outro lado, um grupo liderado pelo atacante reserva Edmundo, o substituto direto de Ronaldinho naquela final, exigia que o craque ficasse em observação numa clínica local, pois havia sofrido os sintomas de uma síncope semelhante a uma epilepsia e não havia ainda nenhuma certeza sobre seu estado de saúde. O “racha” teria destruído o espírito de equipe da seleção e comprometido decisivamente o desempenho dos jogadores brasileiros que, como alguns discursos da mídia esportiva afirmavam, “não pareciam ser eles mesmo”.

publicadas na *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo de 1998, caracterizou-se por três movimentos: a construção de uma identidade nacional homogênea, a cisão dessa unidade identitária e a recuperação da identidade fundadora.

Com a seleção brasileira podendo contar com, pelo menos, cinco dos maiores craques da época, a expectativa era altíssima, o que provocou a afirmação de uma identidade nacional marcada pelos lances geniais e pelas vitórias do futebol. A defesa dessa identidade era feita até mesmo quando a seleção não proporcionava o espetáculo a que a torcida e a crônica estavam ávidos para assistir. Empregando a expressão “não-sei-o-quê”, o discurso da crônica atribuía ao próprio futebol brasileiro a culpa pelas performances pífiás da seleção, como a vitória apertada diante da Escócia e a derrota para a Noruega. Nessas situações, o destaque não era dado às virtudes dos adversários, mas sim aos desentendimentos entre os craques brasileiros, à falta de entrosamento da equipe, à estrutura administrativa decadente do futebol brasileiro, entre outros fatores.

Paralelamente a esse processo e ocupando uma parte do espaço da crônica futebolística, discursos dissonantes produzidos pelos editorialistas e colaboradores da *Folha de S. Paulo* promoveram a criação de uma identidade nacional mais séria e desvinculada do futebol. Esses contradiscursos criticaram a participação preponderante do futebol na identidade cultural do Brasil, desaprovando a atitude das autoridades, da mídia e dos torcedores, que davam mais atenção ao desempenho da seleção brasileira do que às questões políticas, econômicas e sociais do país.

A identidade nacional fundadora veio a se consolidar, com efeito, após a derrota do Brasil para a França na final da Copa. Ao invés de elogiar o desempenho consistente dos franceses, o discurso das crônicas analisadas culpou o próprio Brasil por um revés que nem a grande maioria dos brasileiros, nem a própria crônica sequer cogitava remotamente. De acordo com o discurso da crônica, o Brasil, mesmo tendo perdido para a França numa final de Copa do Mundo, ainda era o melhor do mundo. Prova disso é que perdera para si próprio, para as falhas de sua própria estrutura. Em outras palavras, a identidade nacional do Brasil construída no e pelo discurso da *Folha* em 1998 era a de um país tão imbatível no futebol que só uma equipe estava à altura de subjugá-lo: ele mesmo, melhor dizendo, seus erros.

Por fim, a partir dos resultados das análises aqui apresentadas, podemos concluir que a mídia esportiva impressa – representada, nesta pesquisa, pelas crônicas futebolísticas publicadas no jornal *Folha de S. Paulo* – exerceu um poder regulador sobre a construção discursiva da identidade nacional brasileira durante a Copa do Mundo de 1998.

Referências Bibliográficas

- ANTUNES, F. M. R. F. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Néelson Rodrigues. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.
- BELLOS, A. **Futebol.** O Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CALDAS, W. Aspectos sóciopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP.** Dossiê Futebol, São Paulo, n.º 22, jun./jul./ago. 1994.
- COELHO, M. O Brasil não é mais um país-criança. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 5, 10 jun. 1998.
- CONY, C. H. Lambendo feridas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 26 jun. 1998a.
- _____. O vinho da vitória. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 8 jul 1998b.

CORACINI, M. J. Sujeito, identidade e arquivo. Entre a possibilidade e a necessidade de dizer(-se). In: **Anais do Seminário Internacional Michel Foucault: perspectivas**. 2004. 1 Cd-rom.

DAMATTA, R. Futebol: ópio do povo *versus* drama de justiça social. **Novos Estudos Cebrasp (São Paulo)**, volume 1, n.º 4, p. 54-60, nov. 1982.

_____. **O que faz do Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

FARIA, A. C. Très chic. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 1, 10 jul. 1998.

FELINTO, M. Farinha européia. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 4 jul. 1998b.

_____. Seleção de mulatos feios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 12 jul. 1998a.

_____. Sensualité, sexualité. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 8 jun. 1998c.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P; DREYFUS, H. (Orgs.). **Michel Foucault**. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. Resposta ao círculo epistemológico. In: FOUCAULT, M. et al. **Estruturalismo e teoria da linguagem**. Petrópolis: Vozes, 1971.

FREITAS FILHO, L. A cobertura esportiva no rádio e no jornal. In: DIEGUEZ, G. K. (Org.). **Esporte e poder**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GANCIA, B. Torcedor tapuia confunde alhos com bugalhos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 3, 8 jul. 1998.

GASPARI, E. Lídio e seus idiotas. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 1, 15 jul. 1998.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo. A Análise do Discurso no lado da História. In: ORLANDI, E. P. (Org.). **Gestos de leitura: da História no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

HALBWACHS, M. **Mémoires collectives**. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.

HELENA JÚNIOR, A. Quebra de tradição. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 10 jun. 1998.

KFOURI, J. O general Verão. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 23 jun. 1998a.

_____. Tradição a ser vencida. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 2, 24 jun. 1998b.

MARIANTE, J. H. A história secreta de Ronaldinho. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, p. 4, 16 jul. 1998.

MILAN, B. **O país da bola**. São Paulo: Record, 1998.

NORA, P. **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1985.

PECENIN, M. **Discursos do e sobre o futebol brasileiro: o poder midiático na regulação das identidades**. 2007. 185 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007a.

_____. Discurso, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 1994. **Estudos lingüísticos**, Campinas, v. 1, n.º 36, jul. 2007b. p. 81-90. Disponível em: <http://gel.org.br/4publica-estudos-2007/sistema06/84.PDF>. Acesso em: 1º fev. 2007.

____. Discurso, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 1994. In: FERNANDES, C. A. F. et al. (Orgs.). **Análise do Discurso: perspectivas**. Uberlândia: EdUFU, 2007c. p. 658-72. 1 Cd-rom

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1988.

____. O papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ROLNIK, S. Uma insólita viagem à subjetividade. Fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, D. (Org.). **Cultura e subjetividade**. Saberes nômades. 2 edição. Campinas: Papirus, 2000.

ROSSI, C. A seleção que fica sempre no quase. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 24 jun. 1998b.

____. Confissões de quem não torce por decreto. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 5 jun. 1998a.

____. FHC, lembre-se de Carlos Alberto Parreira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 22 jun. 1998c.

____. Menos biquinho, mais futebol. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 27 jun. 1998b.

SANTANA, T. A seleção perdeu por menosprezar seu rival. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 13 jul. 1998b.

____. Briga vem em hora ruim para a seleção. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, Esporte, 5 jun. 1998a.

SOUSA SANTOS, B. **Pela mão de Alice**. 8 edição. São Paulo: Cortez, 2001.

TOLEDO, L. H. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: Anpocs, 1996.

VOGEL, A. Momento feliz – reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DA MATTA, R. (Org.) **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.